

FATO AGRESSÕES OCORREM EM TODAS AS CLASSES SOCIAIS

Violência praticada contra mulher é maior aos domingos

Nos finais de semana casais passam mais tempo juntos e tendem a discutir

IARA XAVIER
E MICHELLY LAUER

As estatísticas apontam: os casos de violência contra a mulher são mais frequentes nos finais de semana. Esse é um dado que não está apenas nos boletins de ocorrência das delegacias de mulheres. O Centro Integrado de Operações e Defesa Social (Ciodes) também já registra o fato.

“A violência aumenta muito nos finais de semana. Geralmente os casais passam mais tempo juntos, têm mais tempo para discutir. Em alguns

casos, mais corriqueiros, a viatura nem vai ao local”, contou o gerente de Estatística e Análise Criminal do órgão, Gustavo Debortoli.

O domingo é o dia em que elas mais sofrem. Depois dele, vem a quarta-feira. A constatação foi feita por uma pesquisa coordenada por Magda Rodrigues Leite e Inês Perini, pesquisadoras do Instituto Jones dos Santos Neves. Para elas, isso pode ser causado pelo fato de, nas quartas-feiras, haver jogos de futebol.

Na maioria das vezes, a violência contra a mulher ocorre dentro de casa e é cometida pelos próprios maridos. O perfil dos agressores inclui idade média de 36 anos, usuário de bebida alcoólica, trabalhador do setor de serviços, vendedores do comércio, lojas e mercados. A cor predominante parda ou mulata.

Mas essas características não

são determinantes. A verdade é que a violência doméstica está em todas as classes sociais e é praticada por homens de todas as idades.

Para Inês Perini, é uma questão muito mais cultural do que financeira. Mesmo porque até as pessoas mais abastadas sofrem com o problema. Prova disso, são as regiões com maior índice de agressões.

Em Vitória, em primeiro lugar vem Maruípe, com 29% dos casos registrados entre janeiro e junho de 2001. Em segundo está a área Continental, com 19,5%, seguida de Santo Antônio, 13,9%.

O perfil das vítimas também pode ser traçado a partir da pesquisa. A idade média das pessoas agredidas é 36 anos. Elas vivem com o agressor e também trabalham no setor de serviços, são ainda vendedoras do comércio, lojas e mercados.

Apesar de a pesquisa ter sido realizada com dados antigos, as pesquisadoras já têm em mãos uma inédita, feita com dados de 2004, que reafirma as conclusões da outra.

“Não são só as nossas pesquisas que apontam para esses perfis. Outras instituições já fizeram trabalhos semelhantes ao nosso e chegaram às mesmas conclusões. Esse não é um fenômeno restrito à cidade de Vitória”, dizem.

Segundo Gustavo Debortoli, muitos policiais não gostam nem de atender a esses chamados, já que, na maioria das vezes, a mulher não quer nem ao menos registrar queixa contra o marido, quase sempre provedor da família.

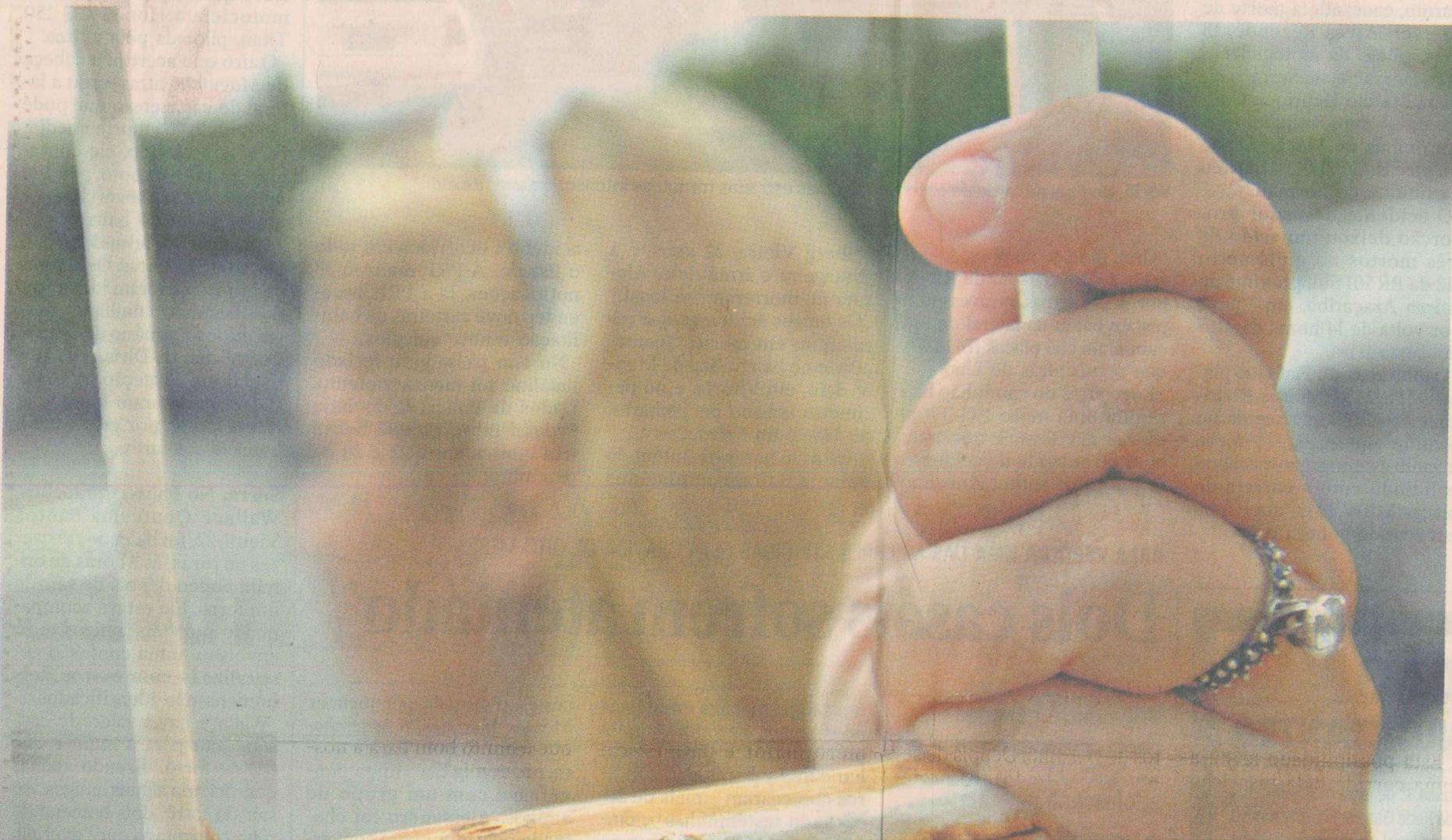
“Se compararmos o volume de ligações que recebemos com o volume de inquéritos abertos pela Delegacia da Mulher, veremos que muitas não denunciam”, diz.

Delegacia registra mais de duas mil denúncias

O número de ocorrências registradas este ano teve um aumento de 15% em relação ao ano passado

O número de ocorrências registradas este ano na Delegacia de Atendimento à Mulher de Vila Velha (Deam-VV), situada na Prainha, supera em cerca de 15% o do ano passado. Enquanto em 2003 houve 2.213 denúncias de maus tratos contra mulheres, de janeiro a novembro deste ano esse número saltou para 2.226.

A expectativa é de que este mês sejam registradas entre 200 e 220 ocorrências na delegacia. O balanço final de 2004 poderá chegar a 2.446 denúncias, o que representa





PERFIL. Na maioria das vezes, a violência ocorre dentro de casa, e é cometida pelos próprios maridos; muitos deles consomem bebida alcoólica. FOTO: GABRIEL LORDÉLLO

SAIBA MAIS

- **VÍTIMAS POR REGIÃO**
- **Maruípe 29%**
- **Área continental 19,5%**
- **Santo Antônio 13,9%**
- **Bento Ferreira 13,7%**
- **São Pedro 13,1%**
- **Praia do Canto 5,9%**
- **Centro 4,7%**

■ PESQUISA REALIZADA COM DADOS CAPTADOS DE JANEIRO A JUNHO DE 2001, NA DELEGACIA DA MULHER DE VITÓRIA

■ PERFIL DA VÍTIMA

- **média de idade 33 anos**

a maioria delas moram com o agressor há cerca de 11 anos

Apesar disso, grande parte delas se dizem solteiras

são trabalhadoras do setor de serviços, do comércio em lojas e mercados

a maioria tem filhos com o agressor

■ PERFIL DO AGRESSOR

- **média de idade 36 anos**

- **cor** mulata ou parda

são trabalhadores do setor de serviços, do comércio em lojas e mercados ou

estão desempregados

agride a vítima dentro de casa

■ AGRESSÕES MAIS COMUNS

agressão física

ameaças diversas

ameaças de morte

lesão corporal

difamação

vias de fato (agressão em vias públicas)

ATÉ QUE A AGRESSÃO OS SEPEREM

“Nunca imaginei que ele pudesse praticar tal ato”

MARIA, 27 ANOS, (NOME FICTÍCIO)

Autônoma

“Fui agredida pela primeira vez pelo meu ex-marido porque ele não aceita a separação. Estamos separados havia quatro meses quando fui agredida em público. Isso aconteceu por volta das 16 horas do dia 16 de novembro, uma terça-feira. Estava numa pizzaria, com amigos em comum, quando ele chegou e começou a me dar tapas e chutes na presença deles. Fiquei com hematomas nos braços, costas e pernas. Ele nunca havia levantado a mão para me bater. Foi uma surpresa não só para mim, mas também para os nossos amigos que presenciaram a cena. No momento em que fui violentada fiquei sem reação, porque nunca imaginei que ele pudesse praticar tal ato. O que fiz foi correr

para o banheiro, com uma amiga, e ele seguiu atrás. Aí ele já queria conversar comigo. As pessoas tentaram acalmá-lo e pediram para ele ir embora. Ele não tem vícios e quando me agrediu não havia consumido bebida alcoólica. Alguns amigos falam que ele agiu daquela forma porque ficou ‘cego’, já que queria reatar o casamento. Acho que o meu ex-marido não suportou me ver alegre. Ele queria me ver em casa, choramingando pela separação. No dia seguinte, procurei a Delegacia de Mulher de Vila Velha e fiz a denúncia. Ele foi intimado e hoje (terça-feira passada) é o dia da audiência. Temos um casal de filhos e não pretendo voltar a viver com ele”

FOTO: GABRIEL LORDÉLLO

ONDE DENUNCIAR

■ **Delegacia da mulher de Vitória:** (027) 3137-9115

■ **Delegacia da Mulher de Vila Velha:** (027) 3388-2481

■ **Delegacia da Mulher de Cariacica:** (027) 3136-3118

■ **Delegacia da Mulher da Serra:** (027) 3138-1077

■ **Delegacia da Mulher de Guarapari:** (027) 3161-1220

■ **O horário de funcionamento das delegacias é de 8 às 18 horas, de segunda a sexta-feira**

■ **Após às 18 horas, as denúncias podem ser feitas no Departamento de Polícia Judiciária (DPJ) de cada município**

■ **Nos plantões, que começa às 20 horas de sexta-feira e vai até às 20 horas de domingo, ininterruptamente, as denúncias devem ser feitas na Delegacia de Mulher de Vitória, que fica na Rua Portinari, s/n, Santa Luiza. Referência: entrada de carros da Emescan**

“A denúncia tem que ser feita após a primeira agressão. Caso contrário, começa um ciclo. Primeiro vem a ofensa, depois passa para o tapa, uma facada, até a morte”

DENISE CONCEIÇÃO MIRANDA

Titular da Delegacia de Atendimento à Mulher de Vila Velha,

a novembro deste ano esse número saltou para 2.226.

A expectativa é de que este mês sejam registradas entre 200 e 220 ocorrências na delegacia. O balanço final de 2004 poderá chegar a 2.446 denúncias, o que representa cerca de 15% a mais do que as registradas em 2003.

A delegada da Deam-VV, Denise Conceição Miranda, atribui o crescimento das ocorrências ao fato de as mulheres estarem mais esclarecidas, terem perdido o medo de denunciar o companheiro e ao trabalho social que as delegacias de mulher, de forma geral, têm realizado para resolver o problema.

“As delegacias da mulher estão mais equipadas e oferecendo um melhor serviço, no intuito de apaziguar o problema do casal. Em 2003 nós realizamos 1.856 atendimentos a casais. Até novembro deste ano já foram 2.011. Temos conseguido resolver as dificuldades, já que o índice de reincidência não chega a 5%”, declarou.

Dessa forma, segundo ela, evita-se a sobrecarga de processos no Juizado Especial, que além de tratar dos casos da violência doméstica, cuida de outros crimes de menor potencial ofensivo.

Denise Conceição fez uma ressalva, afirmando que o fato de as mulheres, vítimas de todo tipo de agressão, terem coragem para procurar a delegacia não significa que esteja aumentando a criminalidade contra esse público.

A melhor prevenção, na sua avaliação, é denunciar após a primeira agressão. “Nunca ser conivente, por menor que seja a dimensão do ato, como um xingamento. Porque é um ciclo. Começa com uma ofensa, passa para um tapa, uma facada até a morte”, frisou.

A delegada assinalou que para tentar reduzir a criminalidade é preciso trabalhar o resgate de valores. Na sua opinião, as escolas deveriam incluir na grade curricular aulas de educação religiosa e moral e cívica.

“A psicanálise diz que filhos de pai agressor serão adultos agressores. A idéia das aulas é que essas crianças não se tornem violentas quando chegarem à maioridade.”